

EDUCAÇÃO E MORALIDADE EM IMMANUEL KANT

João Santos Pires Junior*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a *educação* e a *moralidade* em Immanuel Kant, mediante uma reflexão a partir do texto *Sobre a pedagogia*. O texto apresenta a fundamentação das abordagens concernentes à educação, nos termos de educação física e da educação prática. A primeira, compreendida como a educação do corpo, incluindo aí o exercício dos sentidos; a segunda, referente aos aspectos da habilidade, da prudência e da moralidade. O sujeito de todos os fins, o ser humano, através de sua vontade, é o legislador em relação à lei moral e ao mesmo tempo subordinado a essa lei.

Palavras chave: Educação. Disciplina. Esclarecimento. Moralidade.

68

1. INTRODUÇÃO

Immanuel Kant (1724-1804) nasceu em Königsberg, cidade localizada na Prússia Oriental. Fundador da filosofia crítica, através da famosa revolução copernicana, influenciou os mais diferentes empregos da razão pura (teórico, prático e estético). No campo da filosofia prática ele é o idealizador de um mundo melhor para a espécie humana. Baseado na ideia do bem em si mesmo, compreendeu a educação como uma das melhores formas de contribuição para que o ser humano, de geração em geração, caminhasse em direção à liberdade, qual seja, de sua própria

* Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e pelo Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNV). Uma versão mais completa do presente texto foi apresentado no formato TCC, como requisito parcial para a obtenção de Licenciado em Filosofia. E-mail: joasantospiresjunior@gmail.com.

emancipação. Portador de uma experiência pedagógica, percebeu o vínculo estreito entre educação infantil e formação moral adulta.

Para Kant, a pedagogia é a doutrina da educação. A educação é um processo filosófico, no sentido de buscar os fundamentos da determinação daquilo que seja o homem e sua tarefa no mundo. Neste sentido, cabe à pedagogia, enquanto doutrina da educação, possibilitar a efetivação e o cumprimento da destinação do homem. Seu propósito está em oportunizar, efetivamente, a consecução dos ideais apresentados pela filosofia da educação e, neste sentido, nos escritos de Kant, percebemos uma clara preocupação de aproximar os âmbitos da teoria com a prática. Para que esse projeto pudesse acontecer, a educação deveria ser dividida em duas partes complementares: educação física e educação prática.

2. A EDUCAÇÃO DISCIPLINAR EM IMMANUEL

Para Kant, na educação, o homem deve ser disciplinado, a fim de que a sua selvageria seja domada; essa selvageria remete ao estado natural do homem. A disciplina, então, auxiliaria em sua educação e, ao mesmo tempo, favoreceria ao educando, ao longo do seu processo formativo, tornar-se culto, no sentido de que deve ser instruído e exposto a conhecimentos gerais. A cultura preconizada por Immanuel Kant está relacionada ao desenvolvimento da habilidade que é a capacidade condizente com todos os fins que se almeja; podendo elas ser infinitas, conforme o fim que se aspira. A educação deve cuidar para que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade, relaciona-se com a civilidade que requer modos corteses, gentileza e prudência de se servir dos outros como fins e não como meios.

A filosofia da educação kantiana se encerra com a formação moral que se efetiva na *moralização* do homem. Não basta que o homem seja disciplinado, torne se culto, tenha toda a sorte de fins, convém que seja um ser moral. Uma vez que o homem não é um ser moral por natureza, a educação deve possibilitar que assim o torne, que consiga a disposição de escolher apenas os bons fins que são aprovados, necessariamente, por todos e que podem ser ao mesmo tempo, os fins de cada um. Para isso, objetivando que desenvolva todas essas capacidades, ele precisa ser educado:

O homem é a única criatura que precisa ser educada, tendo em vista que, por educação, entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação (KANT, 2004, p. 11).

Em Kant, uma educação por excelência constitui uma boa formação em todas as etapas da vida da criança, até que ela alcance a maioridade. O texto *Sobre a pedagogia* propõe uma reflexão sobre como se efetiva uma educação física, a fim de que, no futuro, passando pela educação física em todos os seus pormenores, a criança possa alcançar um adulto que aja conforme uma vontade racional e que viva tendo a lei moral como dever e como máxima de sua ação. A preocupação é com a formação, cuja meta é transformar o homem por meio de um processo educacional, favorecendo que ele se torne esclarecido e dono de um caráter moral.

Em Immanuel Kant, principalmente em sua obra *Sobre a pedagogia*, é apresentada a necessidade de o homem ser educado mediante a sua indeterminação. A educação é tida pelo filósofo alemão como cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Este três elementos são fatores essenciais para a educação física. Mediante estas questões, a disciplina na educação física da criança é um elemento que favorece o surgimento da obediência às regras racionais e autônomas que no processo formativo, favorecerão o desenvolvimento da autonomia e adquiram a capacidade de tornarem-se esclarecidas e possam desenvolver o pensar e o agir por si mesmas.

A disciplina impede o homem de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais. A disciplina, enquanto este afastamento do homem de seu estado bruto, natural, “[...] é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se retira do homem a sua selvageria” (KANT, 2004, 12). A instrução [cultural], por seu turno, é a parte positiva da educação. Esta faz com que o ser humano possa decidir sobre os fatos com sua própria razão, de maneira autônoma. “A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-la sentir a força das leis” (KANT, 2004, 12).

Para Immanuel Kant, “[...] a falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que

não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um efeito de disciplina” (KANT, 2004, p. 16). É por isso que, no primeiro momento, em sua proposta educativa, é necessário que o educando submeta sua liberdade a outrem, depois de estar habituado e com respectiva responsabilidade, poderá obedecer a si mesmo. Para Kant, conforme apresenta Filício Mulinari (2013, p. 100), a criança aprende de forma processual a desenvolver a sua própria razão, ou seja, sem estar submissa ao constrangimento ou mandamentos por parte de outro indivíduo. A criança torna-se autônoma ao aprender a guiar sua vontade pela razão.

3. ESCLARECIMENTO COM META DA EDUCAÇÃO

Nas preleções de *Sobre a pedagogia*, a educação é concebida, conforme apresenta Dalbosco (2009, p. 30), como o esclarecimento da razão, significando, o modo racional como o homem livra-se de amarras ou de qualquer tipo de obrigação provinda de uma razão alheia à sua, indicando, a partir de então, a autonomia do sujeito.

Em resposta à pergunta: o que é o esclarecimento (*Aufklärung*), Kant o definirá da seguinte forma:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*] (KANT, 2012, p. 63, grifos do autor).

O pensar por si mesmo, como exigência de uma educação para o esclarecimento da razão, exige de cada homem o exercício de sua autonomia e da liberdade que possui para pensar e expor o que pensa, é uma aplicabilidade das assertivas da educação física e depois culminando na educação prática, uma forma correta de utilizar o saber. Por conseguinte, conforme Luc Vincenti, se o conhecimento faz parte da

educação, da educação nova só deve sê-lo enquanto meio para ascender a autonomia e a livre-atividade, como descreve o pensamento de Fichte:

Não estuda para, no decorrer de toda a nossa vida, e como se estivéssemos constantemente prontos para os exames, reproduzir em nossas palavras o que se aprendeu, mas para aplica-lo às situações que afloram na existência ..., por conseguinte, não é de modo algum o saber que constitui aqui a finalidade última, mas antes a arte de utilizar o saber (FICHTE, *Apud*, VINCENTI, 1994, p. 44).

Nesse sentido, a instrução visa fomentar a habilidade de aplicar o conhecimento apreendido de forma livre. Este agir livre implica, em certo sentido, não em um acúmulo de conhecimentos, mas em um fortalecimento das faculdades intelectuais do indivíduo, visando torná-lo capaz de utilizar os conhecimentos produzidos nos acontecimentos e nas situações práticas da vida. Isso viabiliza o exercício da autonomia do homem em fazer uso de seu próprio entendimento, de sua maioridade, que é obtida como resultado de processos de formação. Vale ressaltar que todo esse projeto só é possível se for levada em consideração a liberdade de fazer uso público da razão.

Por isso é correto afirmar que:

[...] sociedades modernas, secularizadas e democráticas necessitam da maioridade de seus cidadãos que dispõe de uma competência elaborada de autodeterminação e participação, assim como na capacidade suficientemente desenvolvida da crítica e do julgamento (DALBOSCO, 2005, p.45).

Uma sociedade moralizada é uma sociedade esclarecida, na qual cada indivíduo se compreende como sujeito livre, por assim dizer, para a ação moral. Para que isso ocorra é preciso que o indivíduo possa exercer a sua autonomia, o que exige respeito à liberdade do outro enquanto membro da humanidade, não como meio e sim como fim em si mesmo.

Esse ideal de homem autônomo (emancipado), esclarecido no contexto do esclarecimento é a finalidade da educação kantiana. O uso

público da razão é extremamente necessário como condição do progresso ao “esclarecimento”. Ter coragem de fazer uso de seu próprio entendimento nada mais é do que ter coragem de fazer uso público da razão, que implica uma condição de liberdade em pensar por si mesmo. A função da educação é tornar o ser humano um ser esclarecido e autônomo que pense por si, sem depender de outros, que seja capaz de elaborar as suas próprias máximas. Pensar por si é tornar-se autônomo em suas ações, é ser capaz de dar a si mesmo as suas próprias leis. Por conseguinte,

A autonomia dá ao homem a possibilidade de representar a lei para si mesmo. Ao mesmo tempo que dá a si próprio a lei, portanto autonomamente, o homem descobre seu valor. Como pessoa, como ser racional, o homem age sempre em vista de um fim, e a vontade, para que seja boa, deve agir por dever, independentemente dos prazeres e interesses [...] (PINHEIRO, 2007, p. 116, grifo do autor).

Kant acredita que “[...] a boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão somente pelo querer, isto é, em si mesma” (KANT, 2014, p. 23). Pelo fato de o homem ser um ser capaz de estabelecer leis para si mesmo e para sua ação, baseado na boa vontade, e evitar determinações exteriores, ele tem a possibilidade de usufruir da sua liberdade, servindo-se de sua razão para conquistar a sua autonomia.

73

4. A MORALIDADE E A CONSOLIDAÇÃO DO CARÁTER

A educação é, para Kant, uma prática pedagógica e um objeto de reflexão, enquanto auxiliadora na formação moral do indivíduo. A partir do pressuposto levantado pelo filósofo de que o homem não nasce moral, mas torna-se moral, a educação, então, seria responsável por ajudar a formação moral do indivíduo, bem como, na possibilidade de aquisição da autonomia por parte do sujeito. Assim, a educação moral, conforme apresenta Lázaro Aparecido Silva, “[...] é aquela que diz respeito à constituição da cultura humana, à formação da personalidade do aluno

para que ele possa viver como ser livre entre seres também livres, como membro da sociedade humana” (SILVA, 2007, p. 38).

Segundo o autor, é nesse sentido que se diz que a liberdade kantiana se assenta na autonomia da vontade como suprema moralidade, vontade compreendida por Kant como razão prática, responsável pelo agir moral. Deste modo, como afirma outro comentador “[...] como propriedade da vontade, a autonomia é atribuída a todos os agentes racionais, qualquer que seja sua condição moral, e enquanto tal, ela se distingue da autocracia, que consiste em dominar de maneira efetiva as inclinações contrárias à lei moral” (ALLISSON, 2013, p. 92).

Como a educação é um processo que busca fazer com que o indivíduo, a partir do princípio do dever, torne-se autônomo, as máximas devem guiar a vida do homem. “Ages apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (KANT, 2014, p. 62). A partir deste imperativo do dever, percebe-se que “[...] a vontade é concebida como a faculdade de se determinar a si mesmo a agir em conformidade com representação de certas leis” (KANT, 2014, p.70). Isto posto, “[...] o imperativo não exige outra coisa senão a capacidade de agir de uma maneira madura à luz da ideia segundo a qual a vontade é uma lei por ela mesma” (ALLISSON, 2013, p.92).

Quando se procede seguindo as máximas do dever, o sujeito preservará a dignidade humana em sua própria pessoa, quando ele tem diante dos olhos a ideia de humanidade, respeita a humanidade que o constitui. Nessa ideia, ele encontra um modelo com o qual compara a si mesmo. No que se refere à formação do *caráter*, Kant o coloca como a principal questão da moralidade. Assim, consoante ao seu pensamento, afirma:

A moralidade diz respeito ao caráter. Sustine, abstine: essa é a maneira para se preparar para uma sábia moderação. Se se quer formar um bom caráter, é preciso antes domar as paixões. No que toca às suas tendências, o homem não deve deixá-las tornarem-se paixões, antes deve aprender a privar um pouco quando algo lhe é negado. Sustine quer dizer: suporta e acostuma a suportar (KANT 2004, p.86, grifos do autor).

Conhecedor dos precursores do estoicismo, Immanuel Kant, através da citação da máxima estoica *Sustine, abstine*¹, tem como plano de fundo, “[...] ensinar o jovem a fazer frente ao constante fluxo das paixões que assolam o arbítrio, quer dizer, suportar e, ao mesmo tempo, manter-se firme nos planos e nas máximas escolhidas” (BRESOLIN, 2016, p. 108). De certo modo, Kant visa uma educação que favoreça essa capacidade de o indivíduo exercitar sua capacidade de escolha e realizar uma opção segundo princípios bons, e, mediante um caráter bem formado, “[...] se mantenha firme e fiel aos princípios escolhidos, ao invés de um caráter que oscila entre realizar, adiar e/ou abandonar os planos determinados” (BRESOLIN, 2016, p. 108). Assim, para que a ação humana seja capaz de assumir o ponto de vista moral, ela precisa ir além da disciplina e orientar-se por máximas.

É preciso cuidar para que o discípulo aja segundo suas próprias máximas do bem, e não por simples hábito, e que não faça simplesmente o bem, o faça porque é bem em si. Com efeito, todo valor moral das ações, reside nas máximas do bem [...] (KANT, 2004, p. 86).

75

Diante do exposto, o ponto de incidência da moralidade reside na busca pelo bem em si mesmo. Este bem será alcançado não pelo hábito, mas sim pela capacidade da razão dar-se a si mesma a lei. A razão em Kant possui um viés prático e, ao conceber o homem como este ser que deve criar máximas para guiar sua conduta, revela de certo modo que a racionalidade prática não é instrumental. A ação irracional resulta da má escolha dos meios necessários para atingir os nossos fins e também quando adotamos fins contrários à razão. Por conseguinte, a razão prática é a fonte e o princípio supremo da moralidade e, enquanto tal, o seu agir moralmente não significa proceder de acordo com constrangimentos impostos por uma autoridade exterior, nem por uma busca esclarecida da satisfação de interesse pessoal.

¹ Máxima atribuída a Epíteto. Segundo Schink, Kant era um bom conhecedor da filosofia dos estoicos, principalmente Cícero e Sêneca [...] (BRESOLIN 2016, p. 108)

Por conseguinte, a concepção de moral em Kant se ampara no conceito de autonomia, seu objetivo, desponta como princípio supremo que guiará toda ação que se quer moral. “A moralidade é algo tão santo e sublime que não se deve rebaixá-la a disciplina. O primeiro esforço da cultura moral é lançar os fundamentos da formação do caráter” (KANT, 2004, p.76). Para que isso ocorra, as ações do homem devem ser guiadas por máximas e não pela disciplina. De outro modo, “[...] a importância da formação do caráter é fundamental, pois ele serve para determinar a capacidade de as crianças viverem em sociedade e obedecerem às leis da humanidade” (PINHEIRO, 2007, p.101). Assim, “[...] o primeiro esforço da cultura moral é lançar os fundamentos da formação do caráter. O caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas” (KANT, 2004, p.76). A formação do caráter deve ser, portanto, um dos principais objetivos do processo educativo.

Por conseguinte, sabendo, pois, que a educação é um processo, a proposta pedagógica kantiana está fundamentada sobre dois fundamentos educacionais correspondentes: a educação física e educação prática. A primeira é sumamente importante no sentido de colocar o homem a caminho da humanidade, desviando-o da animalidade, por meio da disciplina e da coação, que remete ao estado de irracionalidade. Este é o primeiro estágio da educação, uma vez que a criança não possui ainda uma razão formada; por isso, outros devem ajudá-las para que esta razão se desenvolva. Mediante a educação prática, são indicados os meios necessários para que cada ser racional possa dar a lei a si mesmo, referindo-se ao próprio conceito de liberdade como condição necessária e indispensável para o desenvolvimento de uma vontade autônoma que, do ponto de vista pedagógico, precisa ser formada.

76

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a pedagogia kantiana é relevante não apenas porque levanta questões específicas sobre a educação, mas pelo fato de mostrar e indicar os caminhos possíveis para o esclarecimento da razão, caminho necessário para a melhora da humanidade. O estudo revela-se pertinente e atual na medida em que uma ciência da educação é pensada como

projeto voltado para o homem e para o seu futuro, a ser levado numa perspectiva cosmopolita e com um propósito, fundamentalmente, ético.

Após a análise da obra *Sobre a pedagogia* de Immanuel Kant, buscamos refletir sobre a educação, esclarecimento e a moralidade. Fica evidente que estes três elementos estão interligados, à medida que ressalta a preocupação de Kant com a formação do homem como um todo, qual seja, o físico e o racional. A sua concepção de educação tem em vista a liberdade e o fim supremo, a moralidade, na qual possui a capacidade de reunificar o homem naquilo que ele possui de mais essencial, sua racionalidade.

Urge ensinar o homem a aprender a pensar. Apenas por ser livre, o homem é capaz de progredir e capaz de aprender a pensar. Conseqüentemente, tendo em vista que a educação possibilita ao homem a aprender a usar de sua razão, poderíamos afirmar que, sem a educação, ele não conseguiria desenvolver suas capacidades físicas e racionais. O processo educacional, segundo Kant, tem como finalidade tornar o educando apto a realizar a passagem da menor à maioridade que só é possível mediante a sua própria razão.

Pela observação dos aspectos analisados, dois aspectos interligados ficaram evidentes: a construção da moralidade que perpassa durante todo o período educacional da criança até a fase adulta; a moralidade pressupõe o domínio das capacidades de agir conforme o dever, guiado por uma vontade boa. Educar para a moral não significa que será ensinada uma moral preestabelecida para a criança e sim que serão oferecidas às crianças as condições para que elas encontrem em si mesmas a moral, uma vez que o ser humano não é naturalmente um ser moral, mas torna-se por meio da educação. A educação fornece todas as bases necessárias para que o processo do esclarecimento seja realizado. Assim, o homem racional, autônomo, autodeterminado, aquele que tem as suas ações fundamentadas na razão e na liberdade, perfaz o critério da moralidade.

77

REFERÊNCIAS

ALLISSON, Henry E. Autonomia. In: CANTO-SPERBER, Monique (ORG.). **Dicionário de ética e filosofia moral**. 2 ed. São Leopoldo: Unisinos, 2013, p.91-96

BRESOLIN, Keberson. **A filosofia da educação de Immanuel Kant: da disciplina à moralidade**. Caxias do Sul: Educs, 2016.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Da pressão disciplinada à obrigação moral. In: _____.; EIDAM, Heinz (ORGS.). **Moralidade e educação em Immanuel Kant**. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 159-190.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2014.

_____. **Crítica da razão prática**. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2016.

_____. Que significa orientar-se no pensamento? In:_____. **Textos seletos**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p.63-71.

_____. **Sobre a pedagogia**. 4 ed. Piracicaba: Unimep, 2004.

MULINARI, Filício. Considerações sobre a pedagogia de Kant: uma educação para a autonomia. **Revista Helius**, ano 1, n. 1, Jul-Dez., 2013, p. 95-114.

PINHEIRO, Celso de Moraes. **Kant e a educação: reflexões filosóficas**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

SILVA, Lázaro Aparecido. Kant e a pedagogia. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ.**, 32 (1), jan./jun. 2007, p. 33-45.

VINCENTI, Luc. **Educação e liberdade: Kant e Fichte**. São Paulo: Unesp, 1994.

João Santos Pires Junior

<http://lattes.cnpq.br/1431293707924172>

78